REVISTA DA FUNDARTE
Ano 14 – Número 28 – Julho/Dezembro 2014

Leitura & Literatura: uma breve provocação

Ana Maria Haddad Baptista
professoraanahb@gmail.com
Universidade Nove de Julho - UNINOVE

Resumo: A leitura e a Literatura têm sido alvo de muitos debates, em especial, no âmbito da Educação. Este texto busca provocar educadores no que se refere a dados, sob nossa perspectiva, infundados a respeito de leitura e Literatura no Brasil. A maioria das pessoas desconhece o real papel das linguagens e da Literatura. Literatura não pode ser vista apenas como entretenimento e ser pautada por quantidade. A qualidade da leitura deveria ser muito mais verificada do que índices indicativos de leitura. Contesta-se, neste texto, afirmações que acusam o brasileiro de que ele lê pouco e que os outros países leem muito mais do que o Brasil.

Palavras-chave: Literatura; leitura; educação.

Abstract: Reading and Literature have been the subject of much debate, especially, in the context of Education. This text search result teachers with respect to data, in our view, unfounded about Literature reading and Brazil. Most people are unaware of the actual role of languages and Literature. Literature can not be seen merely as entertainment and be guided by quantity. The quality of the reading should be checked much more indicative than reading scores. Disputed, in this text, statements that accuse the Brazilian that he bit and read more countries than Brazil.

Keywords: Literature; reading; education.

Introdução

O contemporâneo exige, praticamente, a imediaticidade de quase tudo. Poucos são os espaços para a compreensão de algo a médio e longo prazo, como seria o caso, por exemplo, da sabedoria que pode nos legar a Literatura. Assistimos, várias vezes, de forma passiva, à ausência de paixões alegres e potentes, assim como a potencialização de mecanismos que vivem de almas despedaçadas, para usar uma expressão de Spinoza. As desmemórias imperam em diversos sentidos, em especial, no caso da Literatura e da leitura.

A literatura de Homero foi a grande fonte de ensinamentos de quase todas as formas de sabedoria dos antigos. Fonte literária e histórica. Platão, entre outros grandes nomes que ficaram registrados, leu Homero. Contudo, muitos poderão afirmar: mas isso foi na Antiguidade Grega, os dias de hoje não comportam mais espaços para Literatura, Filosofia, como se os tempos humanos, as memórias, se dessem de forma isolada. Lembremos pontos fundamentais: quando nascemos, o

universo está em funcionamento, fluindo. O fluir das ideias. O fluir das interrogações. O fluir das invenções. O fluir dos encontros fundamentais. O fluir das transformações. O eterno fluir dos afetos constatados nas reciprocidades. O mundo não se fixa. Está sempre mudando. Existem, inclusive, transformações veladas. Quase imperceptíveis. E nessa medida, jamais se pode ignorar o legado que gradativamente a humanidade herda de seus antecedentes, em especial, da Literatura.

A Literatura possibilita, infinitamente, a revelação de singularidades e diferenças. O estilo que obviamente cada escritor possui depende, fundamentalmente, do ser revelado, materializado por um sólido repertório daquele que arrisca colocar para todos o mais íntimo de seu ser. De sua forma de ver o mundo. De sua forma de desvelamento.

A importância da Literatura é um tema quase que esgotado. Fala-se, há muitas e muitas décadas, tanto nas escolas, de todos os níveis, como em outros espaços, a respeito da importância da Literatura, especialmente, da impressa. Diga-se de passagem: como se as outras formas de leitura, nos dias de hoje, não tivessem a menor importância. Lembremos: todas as linguagens, isto é, a musical, a pictórica, a televisiva, a cinematográfica, a teatral, possibilitam leituras, portanto, deveriam ser mais valorizadas, mais pensadas, o que nem sempre acontece, esta é a grande realidade.

Ao mesmo tempo em que se fala da necessidade de mais leituras nas escolas e em outras instâncias, sob nossa perspectiva, há inúmeros equívocos em relação, propriamente, à Literatura, assim como à leitura. Posições, na maioria das vezes ingênuas, que somente tomam a Literatura enquanto uma diversão, digressão sentimentaloide, deixando de lado o que entendemos sobre sua real importância e significado. Em suma: o ensino da Literatura, via de regra, despreza sua dimensão cognitiva, sensível e estética, além de outros aspectos que julgamos importantes. Outras vezes é superestimada, de uma forma tão idealizada, que nem mesmo as fadas e as famosas Musas do Olimpo (caso existissem) acreditariam.

O que é leitura e Literatura?

A maioria das pessoas, inclusive educadores, são tentadas a afirmar, num primeiro momento, que ler é pegar um livro, de preferência impresso, sentar-se num lugar confortável, retirado e ler com os olhos (a leitura silenciosa) um belo romance ou um livro de poemas. Esquece-se, porém, que tal situação possui algumas centenas de anos. Esquece-se, fundamentalmente, que em se tratando de leitura, a questão exige alguns questionamentos importantes.

Na verdade, estritamente, quando olhamos para o mundo já estamos lendo. Interpretando-o. De acordo com nosso repertório, podemos fazer as mais diversas leituras de tudo o quanto nos rodeia.

Um outro ponto fundamental: pode-se fazer a leitura de um quadro, de uma música, de uma peça de teatro, de uma telenovela. Enfim: existem muitas formas de leitura que são realizadas ao longo de nossas vidas e que são, igualmente, importantes para a vida de uma pessoa.

As transformações sociais exigem que se tenha disposição e ferramentas para outras formas de leitura, além da impressa. A leitura de filmes e outras linguagens que envolvem a imagem são fundamentais para as sociedades contemporâneas. Saber ler imagens é essencial para entender melhor a vida e seus diversos mecanismos, inclusive, aqueles que mascaram o real.

Toda e qualquer linguagem, deve-se lembrar, possui diversas dimensões. Podemos olhar para um rio e estabelecer uma relação de leitura apenas contemplativa. No entanto, um pesquisador a respeito do assunto pode estabelecer uma relação que exija uma dimensão predominantemente cognitiva para fins completamente voltados para uma determinada pesquisa. São leituras diferentes. Em suma: as dimensões de leituras são aplicáveis para todas as linguagens. Variam desde uma dimensão meramente de entretenimento até dimensões altamente estéticas e cognitivas.

Nas palavras de nosso escritor brasileiro Nuno Ramos:

> Ler é um ato incrivelmente cansativo, em que nosso corpo é muito exigido. Às vezes dói, é bastante desconfortável depois das primeiras horas e parece nunca chegar ao fim (ao contrário de um exercício físico ou de um jogo, que tem hora para terminar). Estou dizendo isso porque tanto a obra impressa quanto o ato de ler têm uma fisicalidade de que nunca nos lembramos, como

> se o ato intelectual fosse uma coisa de anjo. Não é. É coisa de quem sua, cansa, quer sair dali mas não consegue (2013, p.48).

Nessa medida, vale ressaltar que cada forma de linguagem exige, em princípio, determinadas faculdades mentais do leitor. A Literatura exige de seu receptor uma concentração e síntese mentais diferentes, se comparadas com as outras linguagens. A Literatura trabalha com o ausente. Quando lemos um romance ou qualquer tipo de literatura impressa, obrigatoriamente, temos que imaginar, abstrair, sintetizar. Este tipo de recepção exige uma posição, muitas vezes desconfortável, de introspecção. Um verdadeiro mergulho em estratos profundos de subjetividade. Somente desta maneira pode-se interagir com um texto literário.

Deleuze propõe questionamentos simplesmente fascinantes a respeito da leitura em si. Um deles (2011, p. 66) é a respeito do ritmo que toda leitura solicita, ou seja, segundo ele, quando lemos um livro dispendemos além da síntese intelectual, de tempos fortes e de tempos débeis. São os níveis de leitura que podem ou não alcançar ritmos mais acelerados ou mais lentos. Como fazer uma leitura sem captar o seu ritmo? E isso vale, segundo Deleuze, para qualquer tipo de texto, inclusive, o filosófico.

A Literatura por si só provoca e potencializa atitudes que, talvez, nenhuma outra linguagem consiga. Não se deve esquecer que a Literatura solicita, por sua própria especificidade, uma conduta diferente, como, por exemplo, a de uma grande introspecção que leva a estratos mais profundos de um eu que dificilmente seria alcançado por outras formas de linguagens. Ao nos depararmos com um texto, obrigatoriamente, somos levados a imaginar, a exercer um tipo de exercício reflexivo fascinante e agudíssimo. A Literatura não nos dá nada pronto. A denúncia de Zola, em relação ao caso Dreyfus, mudou a história da justiça da França. José de Alencar mudou a história da língua portuguesa ao lutar por estruturas literárias justapostas, especialmente, em Iracema. Machado de Assis usou o interdito de forma exemplar. Guimarães Rosa dá verdadeiras lições de língua aos gramáticos e principalmente aos pseudogramáticos. Kafka conceitua a impotência humana perante o imprevisível e ao que independe da humanidade de forma aguda e penetrante.

E ainda mais: a Literatura não está obrigada a provar nada. Literatura não é História no sentido mais estrito da expressão. Não deve satisfações "científicas" à tal da verdade. Não precisa passar pelos critérios de verdade das ciências experimentais. Literatura não é ciência e nem pretende sê-la, eis a sua singularidade, integridade.

Por si só a Literatura diz a verdade, não foi por mero acaso que os poetas, na Grécia Arcaica, foram denominados "os mestres da verdade" (2012, p. 56).

Evidentemente, reconhecemos que a Literatura, por si mesma, não poderá "libertar" a tudo e a todos; Saramago, em seus momentos mais pessimistas e amargos, chegou mesmo a afirmar:

> Em horas de pessimismo agudo, cheguei a afirmar que se o Cervantes ou o Shakespeare não tivessem nascido o mundo seria o que é. Em todo o caso, a literatura pode exercer uma influência pessoal, mas não social. Há que ter em conta, além disso, que os escritores jamais estiveram de acordo na ideia do que deve ser uma transformação: cada um tem a sua percepção da sociedade, a sua consciência de mundo (2010, p. 183).

Nas palavras de Rubens Figueiredo, escritor brasileiro:

> Hoje em dia, a maior parte da literatura, como quase toda produção simbólica, tem a função de apoiar a mecanização de nosso comportamento e pensamento. Ou seja, adaptar e integrar as pessoas aos mecanismos pelos quais a sociedade se reproduz tal como é. E aos mecanismos pelos quais ela se expande, ocupando setores de atividade ainda não de todo rendidos às relações capitalistas. Tentar questionar pelo menos alguns desses mecanismos me parece um quesito para que um livro tenha alguma relevância. A dificuldade para o escritor será sempre a de construir e reconstruir continuamente os meios de pôr em prática esse questionamento (2013, p. 87).

Historicamente, a Literatura teve diversos papéis. Contudo, diante do exposto, deve-se considerar que a Literatura possui papéis social e culturalmente determinados. Em outras palavras: educadores, em especial, assim como a sociedade, mostram um certo idealismo bastante ingênuo em relação à Literatura. Ela não é, nem de longe, o único mecanismo importante da Educação.

Equívocos frequentes a respeito de leitura e Literatura

a.Saudades do passado

Observa-se, por experiência e outras fontes bastante frequentes em nosso cotidiano, que a maioria das pessoas possuem uma saudade do passado quase invencível. Cremos, com bastante segurança, que quase todo mundo já ouviu afirmações do tipo: “no meu tempo as coisas eram bem melhores”, “no meu tempo é que se comia bem”, “no meu tempo era bem mais fácil comprar uma casa”, “no meu tempo as roupas duravam e passavam de pai para filho”, “no meu tempo as mulheres eram bem mais dedicadas ao lar e os casais viviam de forma harmônica”, “no meu tempo eu respeitava a minha sogra” e assim as saudades de um passado extinto voltam às memórias como se tudo tivesse sido flores e maravilhas. E sabe-se que não. A verdade, tudo indica, é que o fascínio pelo passado é agudizado, em especial, quando as pessoas ficam mais velhas e não conseguem vislumbrar no presente aquilo que um dia imaginaram.

Muitos registros indicam que as saudades do passado sempre existiram em todos os níveis e épocas. Há uma espécie de “desconfiança nas gerações mais novas” e uma certa insatisfação em se contemplar as mudanças que ocorrem, em especial, as atuais, visto que a velocidade é muito alta e sem precedentes ao longo da história da humanidade. Nem mesmo Goethe escapou dela:

> Não quero investigar a maneira por que chegaram os nossos moços de hoje a imaginar que já trazem de nascença o que até agora só ao cabo de muitos anos de estudo e experiência se podia conseguir. Creio contudo poder dizer que as exteriorizações tão frequentes agora na Alemanha, de um senso que ultrapassa todas as fases de uma evolução gradativa, poucas esperanças dão de futuras obras-primas (2004, p.116).

Pelo exposto, verifica-se que Goethe, escritor lúcido, não deixou de ter saudades do passado e de criticar a nova geração. Em sua fala, a grande desconfiança de que a Alemanha, no futuro, não teria condições de produzir obra prima na Literatura.

As saudades do passado, infelizmente, se fazem presentes, em particular, nas questões mais ligadas à leitura e Literatura. De que forma? De várias. Afirmações de professores de todos os graus, como por exemplo “no meu tempo sim...as pessoas liam”. “No meu tempo era produzida literatura de fato”. “No meu tempo eu lia em latim no original”. Enfim, a partir da maioria dos educadores, existem as afirmações de que em seu tempo tudo era melhor e que as pessoas liam muito mais. Outro equívoco.

Como as pessoas poderiam ler mais se o índice, sabe-se, de analfabetismo do mundo e do Brasil eram bem maiores, se compararmos com os índices atuais? Como as pessoas liam muito mais se o acesso à leitura era infinitamente pior? Os livros eram muito mais caros, não havia acesso, de forma nenhuma, às bibliotecas virtuais com seus belos livros, hoje digitalizados e disponíveis gratuitamente. Desta maneira, como afirmar que antigamente as pessoas liam muito mais? Penso que devemos questionar, a fundo, certos equívocos de senso comum a respeito de leitura e Literatura.

b. O brasileiro lê pouco

Antes de qualquer abordagem, ouçamos Sêneca (04-65 d.C.):

> Para que inúmeros livros e bibliotecas dos quais o dono, durante um vida inteira, lê apenas os índices? Uma infinidade de livros sobrecarrega, mas não instrui. Melhor ater-se a poucos autores do que errar por muitos.
> Quarenta mil livros arderam em Alexandria. Belíssimo monumento de régia opulência elogiou outro, assim como Lívio, que disse ter sido uma obra da elegância e do cuidado dos reis.
> Não foi, porém, do meu ponto de vista, nem elegância nem cuidado, mas estudada luxúria, ou melhor, não foi estudada, pois não para os estudos, apenas para o espetáculo essas obras foram reunidas. Tal como acontece com muitos que, embora desconheçam as primeiras letras, fazem dos livros não instrumentos de estudos, mas apenas ornamentos das salas de jantar. Assim, juntem-se apenas os livros que sejam suficientes, nenhum por ostentação. (...) Hoje, como as piscinas nas termas, a biblioteca também é um ornamento obrigatório em qualquer casa de prestígio. Eu perdoaria tal mania se o erro fosse por um exagerado desejo dos estudos. Agora, estas conquistadas obras dos gênios consagrados, instaladas em torno das estátuas de seus autores, são compradas apenas para adorno das paredes (2013, p. 63-64).

A maioria das pesquisas, sabe-se, afirmam que o "brasileiro lê pouco". Parece-nos, de acordo com Sêneca, que há mais de 2000 anos o problema de pouca leitura já existia. E o que é pior: em uma época em que havia poucos concorrentes para a leitura. Quais eram os espaços que concorriam com a Literatura se compararmos com a atualidade?

As pesquisas indicam, inclusive, que o Brasil é um país bem mal colocado no *ranking* das leituras face aos resultados de pesquisas em outros lugares do mundo. Os professores, infelizmente, aceitam acriticamente tais afirmações e na busca de

possíveis leitores lutam, lutam, lutam e parece que os resultados continuam os mesmos. O “brasileiro não quer saber de ler”. E, claro: a culpa é das escolas e, em especial, dos professores.

Prefiro questionar a afirmação. Ou seja, quais foram as metodologias usadas nas pesquisas para afirmarem que o brasileiro lê pouco? Quem pode efetivamente medir o que uma pessoa lê e, evidentemente, não somente o brasileiro? Será que após uma leitura haveria meios objetivos para se mensurar o ato? O que significa ler um livro? Que livro? Aqueles julgados como legítimos de serem declarados, como afirma Bourdieu (2011, p. 232). E, talvez, este seja o melhor questionamento: que livros estão sendo lidos fora do Brasil? Ao que nos parece, conforme se sabe, a maioria dos livros no *ranking* dos mais lidos são livros de puro entretenimento. A maioria conta historietas que há séculos já foram desconsiderados. Livros, em geral, traduzidos para dezenas de línguas que contam com um trabalho de marketing nunca visto, tipo lançamento simultâneo e outras estratégias mercantilistas, puramente mercantilistas. Os brasileiros, inclusive, leem tais tipos de literatura, ninguém nega, mas os franceses, os espanhóis, os americanos, os ingleses, não ficam atrás! Logo, os brasileiros acompanham a lista dos mais lidos no mundo.

E aqui vai meu argumento final: se é para ler o que todo o mundo está lendo em quantidade, prefiro que nós, brasileiros, leiamos menos. Mas que leiamos literatura de qualidade.

Finalizando...

A verdadeira Literatura, a única que deveria, efetivamente, ser lida por educadores e estudantes de todas as áreas, é aquela que desestabiliza. A Literatura provocadora. Provocadora de dilemas, problemas e de subjetividades. A Literatura de fato, que merece ser rotulada como tal, exige um longo exercício de renúncia a determinados prazeres porque cansa. Solicita as camadas mais profundas de nossa duração, no sentido de Bergson. Literatura é liberdade equivalente ao peso do compromisso que o escritor estabelece quando nos possibilita uma proposta irredutível de caráter universalizante. Aquela que solicita, veementemente, uma

apreensão não apenas emocional, superficial, mas, inclusive, cognitiva. A Literatura que potencializa em todos os graus e sentidos.

Em se tratando de leitura e Literatura, os educadores deveriam questionar mais quando ouvissem relatos passadistas, ingênuos e, muitas vezes, amargos. Jamais a humanidade leu como na contemporaneidade. Os elementos de contexto são objetivos. Materiais. Os meios atuais indicam que a verdade é uma só: nunca houve tantas possibilidades de leitura como nos dias de hoje. Nunca houve tantas publicações. Nunca houve tanta acessibilidade, apesar de muitas dificuldades, a leituras.

O brasileiro lê. O brasileiro gosta, sim, de ler. Um dos problemas dos brasileiros, inclusive, estudantes universitários, é o pouco tempo que lhes resta para ler. A Educação isolada jamais poderá propiciar tempo de leitura para os estudantes. Nessa medida, como vários pesquisadores a respeito do assunto já expuseram, somente uma política ampla e justa poderia possibilitar mais tempo para o brasileiro ler.

Ler, de fato, Literatura, depende não somente de um programa de incentivo à leitura. Ler é um ato extremamente cansativo como foi apontado neste texto. É preciso, mais do que nunca, condições físicas e materiais para que a leitura se complete. Não bastam escolas com fartura de livros. Não bastam bibliotecas bem equipadas.

E, finalmente, a leitura depende, fundamentalmente, de um encontro singular. A Literatura absorvida e como um ato de prazer depende de um longo, fascinante e belo encontro intersubjetivo. Um autor e um leitor. Nada mais.

Referências

CASTELLO, José, CAETANO, Selma (org.). *O livro das palavras:* conversas com os vencedores do Prêmio Portugal Telecom. São Paulo: Leya, 2013.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de Leitura.* Tradução de Cristiane Nascimento. 5ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Los signos del movimento y el tiempo.* Tradução de Sebastián Puente e Pablo Ires. Buenos Aires: Cactus, 2011.

ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe.* Tradução de Marina Leivas Bastian Pinto. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SÊNECA. *Da tranquilidade da alma.* Tradução de Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Referências Consultadas

A Century of Greek Poetry 1900-2000 Bilingual Edition. Seleção e edição de Peter Bien, Peter Constantine, Edmund Keeley e Karen Van Dyck. Grécia: Cosmos Publishing, 2004.

As entrevistas da Paris Review, vol.I. Tradução de Christian Schwartz e Sérgio Alcides. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Tempo-memória.* São Paulo: Arké, 2007.

_____. *Gêneros Literários.* São Paulo: Arte-Livros Editora, 2009.

_____. *Educação, Ensino e Literatura*: propostas para reflexão. São Paulo: Arte-Livros Editora, 2012.

BONNARD, André. *A Civilização Grega.* Tradução de José Saramago. Lisboa: Edições 70, 2007.

CANETTI, Elias. *Sobre os escritores.* Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula.* São Paulo: Cia das Letras, 2007.

_____. *O fio das missangas.* São Paulo: Cia das Letras, 2009.

DARWIN, Charles. *Entendendo Darwin: a autobiografia de Charles Darwin.* Tradução de Débora da Silva Guimarães Isidoro. São Paulo: Planeta, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos.* Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DETIENNE, Marcel. *Los maestros de verdad em la Grecia arcaica.* Tradução de Juan José Herrera. México: Sexto Piso Editorial, 2004.

EINSTEIN, Albert. *Notas autobiográficas.* Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FOUCAULT, Michel. *De lenguage y literatura.* Tradução de Isidro Herrera Baquero. Barcelona: Paidós, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *A importância do ato de ler:* em três artigos que se completam. 50.ed. São Paulo, Cortez, 2009.

_____. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica da Obra de Arte.* Tradução de Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.* Tradução de Marcos Santarrita. 2ª. edição. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. *Globalização, Democracia e Terrorismo.* Tradução de José Viegas. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas.* Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

PESSOA, Fernando. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal.* São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. *Timeu: Diálogo Vol.XI.* Tradução de C.A. Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986.

_____. ΤΙΜΑΙΟΣ . Βασιλης ΚαλΦας . Atenas: Polis, 2005.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere (volumes I,II).* São Paulo: Record, 1987.

SABATO, Ernesto. *Entre la letra y la sangre.* Buenos Aires: Editorial Planeta, 2003.

SARAMAGO, José. *As palavras de Saramago:* catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

SEFÉRIS, Georges. *El Estilo Griego (volumes I,II,III).* Tradução de Selma Ancira. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

_____. *Dias 1925-1968.* Tradução de Vicente Fernández González. Madri: Ed. Alianza Editorial, S.A., 1997.